

## A ABORDAGEM COMUNICATIVA NA ESCOLA PÚBLICA

*Maria José dos Santos (UFS)*

*Sheila Santos do Nascimento (UFS)*

### 1. INTRODUÇÃO

Alguns alunos ao ingressarem no Ensino Fundamental Maior na Rede Pública não têm conhecimento de inglês. Então, o que deve ser feito para não gerar neles o sentimento de antipatia por essa disciplina?

Primeiramente, é aconselhável que o professor faça uma sondagem dos conhecimentos prévios dos estudantes, que para Leffa (2003) esta sequência é denominada de “Análise”, para assim saber o nível de compreensão da língua estrangeira por parte da turma e a partir desta investigação empregar métodos/abordagens de acordo com as dificuldades e conhecimento de mundo dos alunos. Além disso, o docente precisa fazer com que os alunos sintam-se seguros ao usar a Língua Estrangeira (LE) em sala de aula. Para que isso ocorra, o professor precisa preocupar-se com o aluno enquanto sujeito e agente no processo de formação através da LE.

Estar consciente de que "(...) a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra." (FREIRE, p. 81), é levar em consideração a bagagem cultural dos estudantes, pois antes de irem para a escola, os alunos já possuem um conhecimento prévio a respeito de tudo ao seu redor. E ao adentrarem numa Instituição de Ensino, eles vivem, infelizmente, situações que são desvinculadas do seu meio social, em que sua leitura de mundo não é vista como algo que precisa ser trabalhado e priorizado também. Por isso, quando falamos em leitura contextualizada, conseqüentemente se pensa em abranger diferentes tipos de gêneros textuais.

Através deste artigo apresentaremos alguns métodos para o ensino de línguas que não se preocupavam com os sentimentos dos estudantes porque os princípios e procedimentos para o ensino/aprendizagem de línguas foram baseados em critérios científicos. Em decorrência disso, houve uma procura pela objetividade das Ciências

Exatas e foi criada uma nova área de pesquisa que buscava a eficiência e, consequentemente, o Método.

Este estudo abordará também questões metodológicas defendidas pelos PCNs para o Ensino Língua Estrangeira no Ensino Fundamental Maior, e indicará como trabalhar a Abordagem Comunicativa para este público-alvo.

## 2. O ENSINO DE INGLÊS NO BRASIL

A partir de 1930, e impulsionado pela Reforma Francisco de Campos, em 1931, do 1º governo Vargas, o ensino de línguas passou a ser regido por mestres que deviam obter formação específica em cursos superiores nas universidades (de Letras, invariavelmente) ou de tal nível em faculdades e centros universitários.

O ensino de línguas após 1930 deu-se majoritariamente como oferta do currículo escolar regular, mesmo que sob desconhecida legislação e desatenta supervisão das autoridades de ensino, e no ensino superior, desde então nos cursos de licenciatura formadores de professores de línguas. Após 1960, essa formação passou a se dar também em universidades confessionais (católicas e também protestantes, evangélicas e espíritas) em regime de ensino pago, e nos anos de 1980 e 1990 nas inúmeras faculdades, centros universitários e universidades particulares que brotaram por todo território nacional.

No artigo 26 parágrafo 5º da LDB (1996) está dito que: Na parte diversificada do currículo será incluído obrigatoriamente, a partir da 5ª série o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.

Os PCNs (1998, p. 21) reconhecem o fato de alguns professores não terem condições de dominar a língua inglesa e outros problemas no que tange ao ensino da língua estrangeira moderna no ensino regular público:

Deve-se considerar também o fato de que as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras (carga horária reduzida, classes superlotadas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material didático reduzido ao giz e livro didático) podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas. Assim, o foco na leitura pode

ser justificado em termo da função social das LEs no país e também em termos dos objetivos realizáveis tendo em vista condições existentes.

Os Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental de língua estrangeira, apesar de reconhecerem que uma ou mais línguas estrangeiras “podem ser entendidas como força libertadora tanto em termos culturais quanto profissionais” (p.39), consideram irrelevante o ensino das habilidades orais e propõem o foco na leitura. Em vez de estimular estratégias para superar os obstáculos que as classes menos privilegiadas enfrentam, explicitam a falta de condições materiais como empecilho para o ensino da língua de uma forma holística.

### 3. A ABORDAGEM COMUNICATIVA DE LÍNGUA INGLESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Como foram apresentados anteriormente, surgiram alguns métodos para o ensino de LE, tais como:

1. *Método Tradicional*: Usado no século XVI no ensino do Grego e do Latim tinha como foco dominar a gramática normativa e a tradução literal; as estratégias de ensino eram trabalho com textos, exercícios de tradução, memorização de regras gramaticais, e vocabulário com o uso de ditados;
2. *Método Direto*: Instituído como oficial no Brasil nas décadas de 1930 e 1940. Seu principal defensor, Antônio Carneiro Leão (1887-1966), publicou em 1935 o livro *O Ensino de Línguas Vivas*. O foco é incentivar o estudante para começar a pensar na outra língua, sem traduzi-la, por meio do contato direto com o idioma; as estratégias de ensino eram os exercícios mecânicos (Drills) com base no modelo de perguntas e respostas. Não se usa a língua materna, e a compreensão é feita por gestos, imagens e simulações. O processo de aprendizagem obedece à sequência de ouvir e falar, ler e escrever. E as atividades de compreensão de texto e gramática;

3. *Método Audiolingual*: Surgiu na década de 1950, influenciado pelo behaviorismo de Skinner (1904-1990) e pelo estruturalismo de Ferdinand Saussure (1857-1913). A intenção é fazer o aluno adquirir o domínio do idioma de forma natural. E as estratégias de ensino são a audição, repetição, memorização e exercícios orais de palavras e frases feitas para que o aprendizado se dê por meio de reflexos condicionados.

Com o tempo, estes métodos começaram a ser questionados, não dando suporte para as reais necessidades dos alunos. Por outro lado, a própria Linguística estrutural sofria críticas e surgiam novos paradigmas; o mesmo acontecia com as teorias behavioristas de aprendizagem que eram questionadas pela psicologia cognitiva. Diante destas mudanças no quadro teórico, há uma variação de protótipo no Ensino de LE, surgindo a *Abordagem Comunicativa*, que na verdade, não é um método em si, mas pressupostos teóricos que orientam o ensino de LE.

Esta Abordagem Comunicativa começou a ser desenvolvida na década de 1970, com base no pensamento do psicólogo russo Vygotsky (1896-1934), focaliza a interação entre professor/aluno de modo que os alunos possam expressar suas idéias e opiniões. Através desta Abordagem é possível trabalhar as quatro habilidades (*reading, writing, speaking e listening*), mesmo que os PCNs afirmem que é inviável o ensino destas quatro habilidades ao mesmo tempo. O foco da Abordagem Comunicativa é aprender a língua nos contextos em que ela é realmente usada. E as estratégias de ensino são a criação de situações reais de uso do idioma, com atividades que envolvam comunicação entre as pessoas e o emprego de diversos gêneros textuais e orais e a reflexão sobre eles.

Para Canale citado por Paiva (2005), há princípios que regem a Abordagem Comunicativa: o conhecimento das necessidades de comunicação; levar em conta as necessidades e os desejos do aprendiz procurando proporcionar a eles aquilo que mais certamente ele deverá encontrar em uma situação real, uma interação autêntica e significativa, utilizando suas habilidades linguísticas e integração da cultura da língua inglesa, a partir do conhecimento geral.

Almeida Filho (2005, p. 47) afirma, ainda que:

O ensino comunicativo de LE é aquele que organiza as experiências de aprender em termos de atividades/tarefas de real interesse e/ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a língua-alvo para realizar ações de verdade na interação com outros falantes-usuários dessa língua.

Segundo Almeida Filho (2005) as aulas que têm como base principalmente a gramática possuem além dos seus exercícios mecânicos, ausência de levantamentos sobre necessidades e desejos dos alunos com materiais que não os provocam, problematizam ou informam. Percebe-se claramente que seu objetivo é apenas baseado em passar conteúdo sem a preocupação de observar se o aluno realmente está aprendendo ou se o próprio está participando da aula, expressando suas opiniões.

Por isso, de acordo com Krashen (1987) o estado emocional age como um filtro que pode ser ajustado para impedir ou ajudar a aquisição de uma língua. Emoções negativas, como ansiedade, desmotivação, falta de confiança agem como um filtro impedindo a aquisição da mesma. Deve-se entender por afetividade as relações baseadas na atenção, no respeito, na confiança, no comprometimento e na solidariedade.

Kleiman (1997) afirma que não há compreensão sem ativação do conhecimento prévio do leitor. Para tanto, é imprescindível que o professor embase a sua prática pedagógica no conhecimento dos processos envolvidos no desenvolvimento da competência leitora e a partir dele seja capaz de reconhecer que o conhecimento prévio do aluno leitor é fundamental e indispensável para a atribuição de sentido ao texto, isto é, que a compreensão e a interpretação do texto se estabeleçam. Quando o aluno confirma suas antecipações, a nova informação advinda da leitura é agregada aos conhecimentos anteriores e nesse momento ocorre a compreensão.

Sabe-se que a sala de aula é o ambiente, por excelência, de aprendizagem de LEs no Brasil. É nesse espaço que os educandos têm a oportunidade de aprender outras línguas além de sua língua materna. Vários fatores influenciam na aquisição de LE, criando um ambiente heterogêneo e difícil de trabalhar, como: personalidade dos alunos; diferentes graus de motivação; atitudes e estilos de aprendizagem. Por isso, o professor precisa fazer com que os alunos se sintam seguros ao utilizarem a LE em sala de aula.

Uma maneira de deixá-los motivados é a proposta de atividades que envolvam situações próximas à realidade de todos como a utilização de materiais legítimos “Realia” (cardápios, lista telefônica, jornais, rótulos, etc.), em razão dessa autenticidade o aluno aprenderá com mais facilidade o idioma porque ele pode reconhecê-los a partir

de seu conhecimento de mundo. Outro modo é desenvolver um ambiente descontraído, no qual os educandos terão prazer em participar e arriscar-se na comunicação de LE.

Conforme algumas pesquisas bibliográficas, percebemos que os alunos do 6º ano demonstram interesse e apreciam as aulas de inglês por ser algo novo e desafiador; e o fato de aprender, mesmo que um pequeno vocabulário e formação de pequenas frases fazem com que eles sintam-se importantes e comecem a empregar o que já aprenderam entre eles e com o professor. Os do 7º ao 9º ano, em muitas escolas públicas, demonstram gradativo desinteresse para o aprendizado da língua inglesa. Esta falta de interesse decorre da ausência de aplicabilidade prática da língua, em contextos reais e da restrição do uso da mesma à sala de aula com objetivos avaliativos e transmitir conteúdos, por meio da repetição de regras gramaticais dissociadas da prática efetiva de comunicação.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das questões expostas, temos consciência de que a Abordagem Comunicativa pode ser adotada de maneira criativa mesmo adotando os precários recursos disponíveis na Escola Pública. Em virtude disso, o professor necessita trabalhar com materiais que promovam e incentivem o aluno a pensar e interagir na língua alvo abrindo espaço para que ele aprenda e sistematize conscientemente aspectos escolhidos da língua estudada.

A utilização dos materiais autênticos mencionados anteriormente e outros como: bulas de remédio, cartas, bilhetes, catálogos, anúncios de jornais, fotos com legenda, manchetes, cartões, dentre outros, possibilita que o aluno os reconheça com mais facilidade através de seu conhecimento de mundo, pois assim o estudante vai sentir-se motivado a expressar aquilo que deseja ou precisa, contribuindo, deste modo, para um processo de ensino/aprendizagem de LE mais eficaz.

Para que haja a aprendizagem dos estudantes é imprescindível que o professor não apenas comunique o que já pratica, mas adote também uma postura profissional de investigação e reconstrução crítica para assim explicar por que ensina da maneira que ensina e por que os estudantes aprendem da maneira como aprendem. Isto pode ser feito

através de uma formação continuada em que haja um aperfeiçoamento linguístico e teórico através de relatos da aula feitos pelo professor ao final de cada exposição, assim como, levar em consideração o desempenho do aluno durante as atividades e tarefas comunicativas ao invés de apenas transmitir conhecimento gramatical descontextualizado sobre a língua alvo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, J.C.P. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. 4ª ed. Ed. Pontes. Campinas. 2005

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de novembro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e bases da Educação Nacional.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. 5ª a 8ª série. Língua Estrangeira Moderna, v. 9, terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 42ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1997.

KRASHEN, S. D. **Principles and practice in second language acquisition**. Prentice-hall Internacional, 1987.

LEFFA, V.(org.). **Produção de Materiais de Ensino**: teoria e Prática. Pelotas: Educat, 2003

PAIVA, V.L.M.O. A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa. In: STEVENS, C.M.T e CUNHA, M.J. **Caminhos e Colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil**. Brasília: UnB, 2003. p.53-84

\_\_\_\_\_. Ensino de vocabulário. In: DUTRA, D.P & MELLO, H. **A gramática e o vocabulário no ensino de inglês**: novas perspectivas. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2004. (Estudos Lingüísticos; 7)

\_\_\_\_\_. **Ensino de Língua Inglesa**: Reflexões e Experiências. 3 ed. Ed. Pontes. Campinas. 2005

SANTANA, Givaldo *et al.* **Questões de Línguas Estrangeiras**: línguas estrangeiras em questão. Ed. UFS. São Cristóvão: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005. p. 235-260

Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/arado/> Acesso em: 10/04/2011